

Autora: Bárbara Maria Cogni (IFCH – Unicamp, mestranda)

Cristãos e Muçulmanos na Península Ibérica – século XIII

Contextualização da expansão muçulmana.

Pode-se considerar que a religião muçulmana começa no ano de 622 quando ocorre a Hégira, fuga de Maomé de Meca, onde suas pregações não eram aceitas, para Medina (Iatrib). Este passou então a ser o ano I do calendário islâmico. A partir desta data a religião de Maomé conheceu uma rápida expansão começando pela tomada da própria Meca. A cidade de Medina, que se converteu ao islamismo, se tornou ponto de partida para o profeta e seus seguidores conquistarem Meca, que se tornou a cidade mais sagrada do Islã. Depois disso, em pouco tempo, toda a Península Arábica já tinha se convertido ao islamismo, bem como parte do Império Bizantino.¹

Logo após a morte do profeta a expansão continuou em duas direções. Uma delas voltada para o Oriente Médio, Pérsia e Índia e outra para o Norte da África. No ano de 711 os muçulmanos atravessaram sob o comando do general Tarik o estreito que liga a África à Espanha. Em pouco tempo quase toda a Península Ibérica estava sobre o controle muçulmano, exceto uma pequena faixa de terra ao norte.

O livro base desta nova religião é o *Corão*. Nele não se encontra muita ênfase no aspecto legislativo da vida cotidiana. Isto constituiu um problema para uma sociedade que estava se formando. Os muçulmanos então passaram a recolher relatos sobre a vida do profeta Maomé e seus companheiros para saber como eles se comportavam. Estes relatos são chamados de *Hadith*. Da junção destes com o *Corão* foi se formando a *Sharia*, conjunto de leis muçulmanas.

Até o ano de 756, os muçulmanos mantiveram uma certa unidade política e religiosa sob o comando da dinastia Omíada, de origem árabe, apesar das diferenças tribais. Quando esta dinastia perdeu o poder para os Abássidas, seus líderes fugiram de Damasco, primeiramente para Sevilha e depois para Córdoba, fundando lá um califado e transformando a Península Ibérica também em uma região importante dentro do mundo islâmico. Em 730 os muçulmanos tentaram tomar também uma região da França, mas foram impedidos pelo exército de Carlos

¹ Com a ajuda de judeus e heresias cristãs que eram perseguidas e preferiram cooperar com os muçulmanos.

Martel, entre Tours e Potiers. Depois disso, os muçulmanos não fizeram mais novas conquistas na Europa ocidental. Em 1031 a dinastia Omíada é extinta por rivalidades entre os diferentes grupos muçulmanos, principalmente árabes e berberes. Seu território é transformado em um conglomerado de “cidades-estado”, chamadas de Taifas. Estas existiram até por volta de 1080 quando ocorre a invasão Almorávida, vinda da África que de certa forma reunificou o território. Posteriormente as regiões muçulmanas da península serão invadidas pelos Almohadas, entre os anos de 1174 e 1184.

A retomada cristã dos territórios perdidos para os muçulmanos começa logo após sua perda, com a expansão do reino de Astúrias entre 739 e 757², mas estas batalhas não podiam ainda ser caracterizadas como guerra de reconquista, pois eram batalhas eventuais que nem sempre tinham como intenção a conquista definitiva do território, apoiada pela Igreja que garantia o perdão dos pecados para aqueles que nela combatessem como acontecerá nos séculos XII e XIII³. A Reconquista se encerra em 1492 com a conquista da cidade de Granada o último reduto sob controle muçulmano.

A Primera Crônica General de Epanna

A *Primera Crônica General de Espanna*, cujo manuscrito original foi perdido, foi composta provavelmente entre os anos de 1260 e 1295, sendo em sua maior parte produzida sob o reinado de Alfonso X e, talvez terminada sob o reinado de seu filho, Sancho IV. A “escola Afonsi,” grupo de estudiosos que estavam sob a supervisão de Alfonso X e dentro da qual foi composta a *Crônica*. Ela foi composta em duas etapas de desenvolvimento, uma primeira de 1250 a 1260 na qual se realizaram apenas traduções de obras do latim e do árabe para o romance, e depois uma segunda de compilação e de produção de obras, esta se estenderia de 1269 até o fim de seu reinado em 1284.⁴ A explicação para este intervalo de nove anos entre a primeira e a segunda etapa estaria nas preocupações com revoltas e com a pretensão ao título imperial, que teriam afastado Alfonso X de seu trabalho intelectual. Para sua composição a *Crônica* faz uso de várias obras antigas, entre as quais as mais importantes: são *Heroidas* de Ovídio, *Farsália* de Lucano, *A vida dos doze Césares* de Suetônio. Além disso, também são

² MARTINS, Oliveira, *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994 p.149.

³ MATTOSO. *História de Portugal* Lisboa, Editorial Estampa, 1993 p.215.

⁴ MENENDEZ PIDAL, R, Introdução, *Pimera Crônica General de Espana*, Madrid, Editorial Gredos, 1977, p.852

citados autores como Paulo Osório, São Jerônimo e São Isidro. O *Tudense* e principalmente *Toledano*, conjunto de textos traduzidos na cidade de Toledo sendo alguns de origem árabe como a *História árabe valenciana*, representam a contribuição das fontes medievais à obra.

Alfonso X, rei de Castela, é conhecido como “El rei sábio”, pois sob seu reinado foram escritas várias obras de caráter jurídico, histórico - entre elas a *Primera Crônica General de Espana* – além de obras de cunho poético como as *Cantigas de Santa Maria*. O rei não tinha completado ainda 30 anos quando subiu ao trono, no qual ficaria por 32 anos até sua morte em Sevilha em 4 de abril de 1284. As suas obras de caráter jurídico: o *Especulo*, o *Fuero Real* e a *Siete Partidas*, nasceram da necessidade de remediar uma situação jurídica caracterizada pela existência de uma multiplicidade de foros em Castela, dando maior homogeneidade ao sistema jurídico.⁵ A legislação é uma questão importante na *Crônica*. Porém a palavra lei tem na *Crônica* um sentido mais amplo do que tem hoje. Ela é usada em lugares onde nos dias de hoje preferiríamos utilizar a palavra religião, que não existia no período. Nisto pode-se observar o caráter realmente legislativo da religião. Percebe-se esse caráter na obra quando nela se menciona que uns seguem a velha lei de Moisés, enquanto outros a Sagrada lei de Nosso Senhor Jesus Cristo e outros ainda ou a má lei de Maomé.

Alfonso X reivindicará o título de imperador do Sacro Império Romano que havia ficado vago em 1205 com a morte de Frederico II recorrendo a sua suposta herança visigótica e romana.⁶ Como pretendo imperador teve de se posicionar contra os inimigos da Igreja e apoiar as políticas papais, isto trará interferências nas relações entre cristãos e mouros na Península Ibérica, uma vez que o papado estava organizando combates contra os muçulmanos. O imperador terá que legislar também sobre os não cristãos. O IV livro do *Fuero Real*, por exemplo, trata conjuntamente de heresias de judeus e de mouros e de uma grande variedade de delitos e crimes.⁷

Outro projeto de Alfonso X será realizar uma Cruzada na África, por motivos estratégicos e ideológicos. Controlando Gibraltar e o Norte da África, a Península Ibérica ficaria protegida de um novo ataque dos mouros. Além disso, a África havia sido uma província romana, parte da diocese imperial da Hispania e tinha ficado sob domínio visigótico, portanto

⁵ LÓPEZ, José Garcia, *Historia de la literatura española*, Madrid, Vincens Vives, 2006, p. 55.

⁶ O'CALLAGHAN, J. Op. Cit. p.190

⁷ O'CALLAGHAN, J. Op. Cit. p.123.

deveria voltar a pertencer aos herdeiros dos visigodos, ou seja, Alfonso X, isto lhe ajudaria a conseguir o título de Imperador do Sacro Império Romano.⁸

Os Mouros na historiografia

Alguns autores apresentam os muçulmanos como uma população mais homogênea como Reilly, frisando mais as diferenças entre os muçulmanos e os cristãos. Outros apresentam os muçulmanos como um grupo heterogêneo entre si como Chejne, divididos entre árabes propriamente ditos descendentes dos primeiros conquistadores vindos da Península Arábica que governaram até o final da dinastia Omiada em 1031, os berberes muçulmanos de origem africana, cuja população aumentou com as migrações nos séculos XI e XII, os muladies filhos de casamentos mistos e os msalimah, espanhóis convertidos ao islamismo. Estes grupos nem sempre conviveram pacificamente, tendo rivalidades especialmente entre árabes e berberes.⁹ A relação dos muçulmanos com as outras religiões é descrita como sendo bem mais tolerante do que aquela mantida pelos cristãos. Judeus e cristãos tinham liberdade de culto tendo apenas que pagar impostos, não podendo fazer propaganda de suas religiões, e devendo respeitar a religião islâmica. Costuma-se relatar apenas um único caso de conflito por motivo religioso que teria acontecido, quando um monge cristão chamado Perfectus blasfemou contra Maomé no mercado, dizendo que ele era um charlatão, pervertido sexual e o próprio anti-Cristo. Depois dele mais seis monges do mesmo mosteiro teriam feito os mesmos insultos à figura do profeta e foram todos martirizados. Os religiosos também teriam acusado os cristãos de estarem ficando muito arabizados. O incidente aconteceu no ano de 850, justamente no período em que aconteceu o maior número de conversões para o Islã.

Os livros de Chejne e Reilly¹⁰ também mostram a relação entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica, como sendo pacífica, sem conflitos constantes, e que os desentendimentos, não tinham em sua grande maioria, motivações religiosas. Mas estas relações tenderam a piorar a partir do século XI quando começou a surgir a noção de Cruzada e o projeto de reconquista. Sobre isso, Chejne, Bishko e Mattoso defendem que o mosteiro de Cluny teve uma grande importância na mudança da relação entre cristãos e muçulmanos, sendo o mosteiro

⁸ O'CALLAGHAN, J. Op. Cit. p.210

⁹ CHEJNE, Anwar G. *História de Espanha Muçulmana*, Madrid: Cátedra, 1993 pp.104,109.

¹⁰ CHEJNE, Anwar G. *História de Espanha Muçulmana*, Madrid: Cátedra, 1993 & REILLY, Bernard, *Cristãos e Muçulmanos. A luta pela Península Ibérica*, Lisboa:Ed. Teorema, 1992.

e o papado responsáveis diretos pela criação do ideal das Cruzadas e incentivadores da Reconquista. Porém outros autores como Reilly atenuam esta influência, não acreditando que o mosteiro e o papado pudessem influenciar tanto nas mudanças ocorridas na península. Na *Crônica* o nome do mosteiro não é citado, mas são mencionadas viagens de religiosos franceses para a Península Ibérica. Oliveira Martins também irá defender uma convivência pacífica entre as diferentes religiões, porém para ele a responsabilidade pela mudança de atitude caberia às invasões almorávidas, mais intolerantes que os antigos governantes mouros.¹¹ Ou seja, as crescentes hostilidades se devem a uma mudança de atitude por parte dos muçulmanos e não dos cristãos.

Os mouros na *Crônica*.

Neste capítulo irei analisar propriamente a *Primera Crônica General de Espana*, buscando averiguar como a imagem dos mouros é retratada pela obra em meio ao contexto do reino de Castela e da reforma da Igreja Católica. A *Crônica* começa com um prólogo enaltecendo a figura de seu autor o Rei Alfonso X e relatando todas as suas possessões, “Alfonso X filho Del noble Fernando III e de Dona Beatriz, rei de Castilla, Toledo, Leon, Galliza, Sevilla, Cordova, Murcia, Jahal e Del Algarere,”¹² Este Rei a exemplo dos sábios e tementes a Deus do passado decidiu escrever sobre a História O autor da *Crônica*, lamenta por outras coisas que ocorreram, mas sobre as quais ninguém escreveu tendo-se perdido.

Depois do prólogo a *Crônica* passa a narrar a história de Moisés que teria sido o primeiro destes sábios. Este teria escrito sobre como Deus criou o mundo, o pecado do homem que o fez sair do paraíso, o dilúvio mandado por causa dos pecados dos homens e as leis que foram dadas a Israel por meio dele.¹³ A *Crônica* começa com Moisés e termina no reinado de Fernando III rei de Castela e pai Alfonso X. Nela é feito um paralelo entre Moisés e os reis de Castela especialmente Alfonso X, ambos sábios que escreveram a história de seu povo e de seus antepassados, além de líderes e legisladores inspirados por Deus. Tinham obrigações não apenas laicas, mas também religiosas como a função de protetores da Igreja. Constantino, primeiro imperador romano a se converter ao cristianismo, também havia sido comparado a Moisés por

¹¹ MARTINS, Oliveira, *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994 p.126.

¹² ALFONSO X *Primera Crônica General de Espana*, Ed. Menéndez Pidal, Madrid Editorial Gredos, 1977, p.3.

¹³ ALFONSO X Op. Cit. pp.4,5.

Eusébio de Cesaréia. Com a reivindicação do título imperial por parte de Alfonso X, este também passaria a compartilhar atributos de Constantino.

Na *Crônica* o título imperial pela primeira vez é atribuído a um rei de Castela em 1108 ao rei Alfonso VII. É frisado na *Crônica* que este rei assumiu o poder pela lei e não pela força. A questão da legitimidade dos reis normalmente é importante, mas neste caso específico é mais, pois Alfonso X será descendente deste rei e a legitimidade dele é também a sua. Sendo título de imperador cobiçado por Alfonso X, é interessante colocá-lo na obra já no seu antecessor¹⁴.

Na *Crônica* são apresentadas quatro justificativas para explicar o sucesso da invasão moura. A primeira delas é a idéia de que a invasão moura seria em castigo de Deus pelos pecados do povo e especialmente dos reis, “*Dios fiere et castiga a los sus fijos peccadores por algum tempo, mas la cristandad se levantará*”.¹⁵ O rei godo anterior a invasão muçulmana, Vitiza que reinou em 704, é retratado na obra como um homem luxurioso, que obrigou os clérigos a tomarem várias mulheres e que não tinha respeito pela Igreja. Durante seu governo “*mas onrados eram os iudios que las eglesias*”.¹⁶ Diferentemente de Vitiza, Fruela rei que assumiu o trono em 753 defendia que os clérigos não deveriam ter nenhuma mulher e denunciava que foi essa a falta do rei anterior que trouxe a ira de Deus sobre a cristandade e a invasão moura. Fruela por ser um bom rei e temente a Deus venceu os mouros de Córdoba que o haviam atacado.¹⁷ A questão do celibato para os clérigos ainda não estava definida na época destes reis, em algumas regiões da Europa ela era a norma e em outras não. A obrigatoriedade do voto de castidade só será estabelecida por Roma para todos no período de confecção da *Crônica*.

A segunda explicação está na grande habilidade para guerrear dos mouros, “*cavaleros com mucho atrevimento et esforço*”. Justificativa que tornaria ainda mais valorosas as vitórias posteriores dos cristãos sobre os mouros. A terceira justificativa apresentada pela *Crônica* é a de que os godos ficaram desacostumados com a guerra depois de muitos anos vivendo em paz, tiveram medo dos mouros e fugiram, apesar de no passado terem sido bons guerreiros. Por fim a quarta justificativa seria traição dos judeus que teriam se aliado aos mouros por serem mal tratados pelos governantes godos. Sobre isso a *Crônica* relata que o rei Sisebuto teria obrigado

¹⁴ ALFONSO X Op. Cit. pp.645,656.

¹⁵ ALFONSO X Op. Cit. p.322.

¹⁶ ALFONSO X Op. Cit. pp.303,304.

¹⁷ ALFONSO X Op. Cit. pp.337,338.

os judeus a se converterem ao cristianismo mais pela força do que por vontade deles, pouco antes da invasão moura.¹⁸

A convivência entre os reinos cristãos e mouros retratada pela *Crônica* não parece ser tão pacífica como o apresentado pela maior parte da historiografia. Apesar da obra de relatar inúmeros casos de amizades e alianças entre cristãos e mouros, chegando até a haver casos em um reino cristão se alia a um “reino” mouro contra outro cristão. Na maioria dos casos os reis que se aliam aos mouros não serão considerados legítimos na obra. Um caso como este acontece com o Rei Aurélio, que não é reconhecido como um rei legítimo. Ele teria feito paz com os mouros e em troca lhes dado mulheres como forma de pagamento pela paz. Outro exemplo de ilegitimidade real descrito na obra é o caso Maureçata. Este rei em 780 disputou o trono com seu sobrinho, só o conseguiu com a ajuda dos mouros. Ele também lhes deu, mulheres, para que fizessem com elas suas vontades, e “*fez cosas contra Dios e su ley por amor a los moros*”.¹⁹ A *Crônica* narra ainda um terceiro caso no qual o rei cristão, Vermudo II, em 962 teria pensado em se converter ao islamismo, aceitar a lei de Mahoma e ainda dar aos mouros o território da Galliza, nada disso teria se concretizado. Mas mesmo assim graças aos pecados dele os mouros avançam sobre territórios cristãos.²⁰

Ainda sobre as relações entre cristãos e muçulmanos é narrado um episódio em que o reino de Castela reclama de ser maltratado tanto pelos cristãos como pelos mouros, especialmente pelo reino de Navarra que tinha amizade com os mouros e por isso entrava em contendas com os reinos cristãos. Porém em 903, Castela se une a Leão e derrotam os mouros. A *Crônica* relata também nesta ocasião a fala de um santo que diz ao Rei de Navarra que não seria correto se aliar aos mouros contra um reino cristão.²¹

Diferentemente de Aurélio, Maureçata., Vermudo II, há reis que têm virtudes religiosas e graças a estas conseguem vencer os mouros. Como Don Afonso I que foi um rei casto e por isso venceu muitas batalhas contra os mouros. Também e seu sucessor Afonso II irá construir igrejas e trazer relíquias.

No trecho da *Crônica* que trata da história de El Cid e do rei Alfonso VI, a relação entre os cristãos e os mouros que já viviam na Península Ibérica parecem bastante amigáveis. O

¹⁸ ALFONSO X Op. Cit. pp.313,316.

¹⁹ ALFONSO X Op. Cit. pp.343,344.

²⁰ ALFONSO X Op. Cit. pp.445,450.

²¹ ALFONSO X Op. Cit. pp.391,405.

problema, segundo a obra serão os Almorávidas, mouros vindos da África, bem mais intolerantes que os antigos habitantes e que que El Cid ajudará a derrotar.

A *Crônica* narra que El Cid é bem recebido na cidade de Valência. Ele a liberta dos almorávidas, mas depois expulsa da cidade também os mouros que moravam lá antes da invasão. Esta é apresentada como uma atitude de piedade, pois ele os expulsa ao invés de fazê-los cativos. Apenas permanecem na cidade os que desejassem se converter. Esta atitude de El Cid parece ser uma exceção, pois a *Crônica* não faz menção a nenhuma outra expulsão. Depois da morte de El Cid um milagre teria ocorrido com seu corpo. A obra narra um episódio em que um judeu tenta tocar a barba de El Cid, mas tem a mão paralisada e se converte ao cristianismo, o corpo do herói ficará na catedral por dez anos até que a ponta de seu nariz despenca e ele finalmente é enterrado.²²

Na *Crônica* são registrados três casos de conversão ao cristianismo; o primeiro de um mouro da cidade de Valência que quer permanecer nela e para se converter diz que Maomé é falso e enganador;²³ o outro de uma moura que se converteu ao cristianismo para se casar com o rei Alfonso VI e o de um judeu que se converteu ao cristianismo depois de tocar no corpo de El Cid. Nenhum caso de cristão que se converte a outra religião é mencionado. A *Crônica* não faz nenhuma menção ao modo como eram tratados os cristãos que viviam em território mouros ou mouros que viviam sob o domínio cristão

Os muçulmanos na *Crônica* não são retratados de maneira homogênea há uma distinção entre os mouros que viviam na Espanha, dos que viviam na África e os árabes propriamente chamados de alaraves. Na obra os muçulmanos estão sempre envolvidos em lutas, contra os cristãos da Península Ibérica ou do Império Bizantino, ou entre os próprios muçulmanos, como os almorávidas e os almohadas.

Os mouros são representados como sendo como bons guerreiros, mas não por nobreza e sim por ganância “*el su cavallo dellos ligero como leopardo, e el su cavallero mucho mas cruel et mas dannoso que es el lobo en la grey de lãs oveia em la noche. La vil yente de los affricanos que se non solie preciar de fuerça nin de bondad, et todos sus fechos fazie com art et enganno et non se solien amparas si non pechando grandes riquezas et grand aver.*”²⁴ São a luxúria, a avareza e a ganância que os motivam para a guerra. Não só prazeres que poderiam obter na

²² ALFONSO X Op. Cit. p.642.

²³ ALFONSO X Op. Cit. p.632.

²⁴ ALFONSO X Op. Cit. p.312.

terra, mas também os do céu que conseguiriam se morrerem em batalha. Para a *Crônica* os muçulmanos se empenhariam em guerrear por acreditar que o paraíso é um lugar muito saboroso com rios de vinho, leite e mel, mulheres e tudo mais que o coração desejar, se que se um homem morre em batalha contra seu inimigo, ele vai direto para este paraíso. Um paraíso que refletiria não presença de Deus, mas sim os prazeres terrestres e que ainda incentivaria a violência.²⁵

Os mouros são descritos pela *Crônica* como sendo homens não confiáveis, não mantendo sua palavra e acordos assumidos. Um exemplo dessa postura dos mouros, é relatado quando em 932, eles atacam o território de Leão sem nenhuma justificativa mesmo tendo feito um acordo de paz com o Rei Sancho algum tempo antes. Porém quando ocorre o inverso, o fato do rei cristão Alfonso IV ter quebrado sua promessa feita a um mouro esta atitude aparece justificada pelas más ações do rei mouro que levaram o seu próprio povo a querer tirá-lo do poder e só por isso o rei decide quebrar sua promessa.²⁶

A luxúria é um dos seus maiores pecados dos mouros segundo a obra. Os mouros quando fazem acordos com os cristãos sempre exigem mulheres como forma de pagamento. Os cristãos nunca fazem tal exigência. Essa prática reforça dentro da cristandade a idéia de sua grande luxúria.

Quanto à aparência física os mouros são descritos pela *Crônica* como tendo “*cabeças cobiertas de tocas, et seyen em cavallos et los vestidos dellos eran muchos colores et finien em los manos espadas et ballestas et sennas alçadas.*”²⁷ Eles são descritos como tendo a pele negra e sendo homens muito formosos. A beleza que hoje é considerada uma característica altamente positiva, talvez não o seja neste contexto. Ela poderia representar um excesso de vaidade e de preocupação com o corpo terreno que seriam considerados pecaminosos.

Uma única característica realmente positiva dos mouros, descrita na obra é o interesse pela sabedoria e as ciências. O grande conhecimento que eles obtinham em diferentes regiões e com diferentes povos e que foram passadas para os cristãos. “*Alaraves eram omnes entendudos et sábios et que catavam lo de adelante*”²⁸.

Em alguns trechos se pode notar uma tentativa de modelar as instituições islâmicas para uma linguagem que o leitor cristão entenda. Como quando a *Crônica* compara o califa ao papa

²⁵ ALFONSO X Op. Cit. p.666.

²⁶ ALFONSO X Op. Cit. pp.536,540.

²⁷ ALFONSO X Op. Cit. p.307.

²⁸ ALFONSO X Op. Cit. p.541.

ao explicar a origem do nome do grupo dos Almohadas, este viria do nome de seu líder que foi um homem muito entendido na lei do profeta e que a ensinava ao califa, que é como o papa dos mouros.²⁹ Em outros são mencionados reis, condes e duques mouros.

Quase não menções na *Crônica* aos hábitos religiosos dos muçulmanos que vivem na Península Ibérica. A única ocorre quando o rei Alfonso VI que se havia se refugiado com os mouros para fugir da perseguição de seu irmão observa uma festa que chama de “pasqua” dos mouros na qual matam um carneiro.³⁰ Provavelmente uma confusão com a páscoa dos judeus, mas os muçulmanos têm um outro ritual no qual sacrificam um carneiro, mas é em memória ao sacrifício do carneiro no lugar do filho de Abraão e não há páscoa.

Bibliografia

ALBORG, Juan Luis, *Historia de la literatur Espanõla*. Editorial Gredos, Madrid, 1992.

ALFONSO X *Primera Crônica General de Espana*, Ed. Menéndez Pidal, Madrid Editorial Gredos, 1977.

ARMSTRONG, Karen, *Maomé – Uma biografia do Profeta*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOLTON, Brenda, *A Reforma na Idade Média*, Lisboa : Ed. 70, 1986.

CATALAN, Diego. *De Alfonso X ao conde de Barcelos : cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografia romance en Catilla y Potugal*, Madrid : Ed. Gredos, 1962.

CHEJNE, Anwar G. *História de Espanha Musulmana*, Madrid: Cátedra, 1993.

DANIEL, Norman, *Heroes and Sarracens, re-interpretations of the Chasons de Gesta*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1984.

DUBY, “Os leigos e a Paz de Deus”, in *A Sociedade Cavaleiresca*, São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLORI, J. *Croisade et chevaleirie*, Paris: De Boeck & Larcier s.a., 1198.

GEARY, *O mito das nações, a invenção do nacionalismo*, São Paulo, Conrad, 2002.

²⁹ ALFONSO X Op. Cit. p.658.

³⁰ ALFONSO X Op. Cit. p.504.

IOGNA-PRAT, Dominique. *Ordonner et exclure : Cluny et la société chrétienne face à l'hérésie, au judaïsme et à l'Islam, 1000-1150*, Paris : Aubier, 1998.

LE GOFF, J. e SCHMITT, J. C. (org.), *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* São Paulo, Imprensa Oficial, 1999.

LÓPEZ, José Garcia, *Historia de la literatura española*, Madrid, Vincens Vives, 2006.

MARTINS, O. *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994.

MATTOSO, J. *História de Portugal*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

_____ *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Imprensa Nacional, casa da moeda.

MITRE, Emilio, *La España Madieval*, Sociedades, Estados e Culturas, Madrid: Istmo Ediciones, 1994.

O'CALLAGHAN, Joseph F. *El rey sábio, el reinado de Alfonso X de Castilla*, Sevilha, Universidad de Sevilla, 1999.

OLIVEIRA MARQUÊS. A. H. *História de Portugal*, Lisboa, Edições Agora, 1973

REILLY, Bernard, *Cristãos e Muçulmanos. A luta pela Península Ibérica*, Lisboa:Ed. Teorema, 1992.

SAID, W. S. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*, São Paulo, Cia das Letras 2001.

SOLALIND A. G. *Antologia de Alfonso X, el Sabio*, Buenos Aires, Espasa –calp Argentim s.a.

TOLAN (org.) *Medieval Christian perceptions of Islam*, New York: Routledge, 2000.

WOODWARD, K. “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*”, in SILVA, T. T. (org.) *Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Editora Vozes, 2000.